

## 7 Conclusões

### 7.1. Introdução

A inovação somente passou a ganhar destaque no campo das ciências econômicas e sociais, a partir de meados do século XX, tendo o economista Joseph Schumpeter sido um dos pioneiros ao destacar e descrever o importante papel da inovação na economia e na mudança social. No campo da saúde, principalmente a partir da Grande Guerra, as empresas farmacêuticas de grande porte vêm implementando inovações que foram responsáveis por diversos avanços para a população, como a melhora na qualidade de vida dos pacientes, a redução da mortalidade infantil, bem como o aumento da expectativa de vida das pessoas.

A inovação farmacêutica é considerada como um dos pilares da competitividade, sendo utilizada para explicar a evolução do crescimento de um país, e daí sua importância estratégica para os Governos. A indústria farmacêutica é altamente intensiva em capital e ciência e como um oligopólio diferenciado, o lançamento de novas drogas ou tratamentos, bem como de medicamentos mais eficazes, constitui-se como o elemento central no padrão de competição desta indústria.

Se por um lado a perspectiva para o setor é de crescimento, impulsionado pelo aumento da demanda de medicamentos decorrente de mudanças demográficas consideráveis, em especial a população nos países em desenvolvimento, bem como da mudança do perfil epidemiológico como um todo, por outro, há um maior rigor regulatório, pressões dos governos para redução dos gastos públicos com saúde e a concorrência acirrada dos medicamentos genéricos. Assim, os desafios que se impõe às empresas dessa indústria são enormes, ainda se for considerada a atual taxa decrescente da produtividade da pesquisa e processo de desenvolvimento de novas drogas.

À luz da Visão Baseada em Recursos, que serve de base conceitual para a presente pesquisa, a vantagem competitiva sustentável só é alcançada quando uma organização coleciona recursos valiosos, raros e de difícil imitação. Os recursos necessários à atividade inovadora, aqui chamados de “competências para a inovação”, reúnem essas características. Sua construção, internalização e gestão devem, portanto, fazer parte da gestão estratégica das organizações empresariais.

## **7.2. Sumário do estudo**

O objetivo do presente estudo foi identificar a presença e o nível de desenvolvimento de competências para a inovação e, ainda, até que ponto a presença destas competências em uma amostra de empresas nacionais da indústria farmacêutica brasileira está relacionada com seu desempenho competitivo.

Inicialmente foram realizados levantamento bibliográfico e a aplicação de um questionário, construído especificamente para o setor analisado. A análise dos resultados indicou que a presente pesquisa atendeu aos seus objetivos de forma a identificar e analisar o grau de desenvolvimento das competências para inovar de uma amostra que englobou 25 empresas de capital nacional do setor farmacêutico brasileiro.

A maioria das empresas farmacêuticas pesquisadas possui departamento interno de P&D, mostrando-se bastante ativa em relação à atividade inovadora, com elevados índices de realização de inovações. Vale lembrar que o período analisado coincide com o estabelecimento da PITCE em 2004, que propiciou um ambiente político-legal favorável à inovação e, ainda, a taxa crescente de investimentos realizados em P&D no setor farmacêutico.

A primeira fase da análise quantitativa dos dados contemplou a análise fatorial para a redução da dimensionalidade das variáveis, resultando na identificação de 17 fatores de inovação, que serviram de base para a realização da análise de cluster, segunda fase da análise quantitativa. Foram gerados dois grupos: um composto por 7 empresas, constituído de mais empresas de médio porte e graus baixos de desenvolvimento das competências para inovar, e outro com 18 empresas, em sua maioria de grande porte e com graus médios de desenvolvimento destas competências.

A diferenciação entre os grupos ficou evidenciada naquelas competências de natureza mais organizacional, como gestão, métodos, estratégias e tecnologia; e as de natureza relacional, voltadas para a relação com a concorrência e demanda. As competências relacionadas à inserção da inovação na estratégia, à promoção de um ambiente favorável ao desenvolvimento de inovações, à gestão do conhecimento e da propriedade intelectual, a capacidade de apropriação de tecnologias externas, à gestão de pessoas e de competências de RH com perspectiva a inovação, bem como à cooperação para as inovações se apresentaram como fatores distintivos entre os grupamentos gerados.

A amostra pode ser considerada representativa, uma vez que possuía, em julho de 2009, 90% da participação de mercado atribuído às empresas de capital nacional. Vale ressaltar o fato de que, nenhum dos grupos analisados apresentou níveis altos de desenvolvimento nos fatores de inovação. Isto denota que a capacidade inovadora da indústria farmacêutica brasileira, ainda precisa evoluir neste sentido, para poder aspirar, de fato, o lançamento com sucesso de produtos inovadores.

O resultado apresentado pela pesquisa era esperado, uma vez que, no Brasil, os produtos inovadores são produzidos principalmente por empresas estrangeiras (que dispõe de elevado capital de giro para investir) e de existem poucos laboratórios nacionais de grande porte nesse mercado, onde a maioria concentra-se na fabricação de genéricos e similares. Destaca-se, ainda, que apesar de crescente, a taxa de inovação na indústria farmacêutica brasileira (5,3% em 2007) ainda apresenta níveis bem inferiores quando comparados a países mais

desenvolvidos, que chegam a investir em média, 20% de seu faturamento, em atividades de P&D.

Com o objetivo de identificar a relação entre os fatores de inovação e as variáveis de desempenho pesquisadas, utilizou-se o método de regressão linear múltipla. No entanto, o modelo de regressão somente mostrou ser significativo para a variável de desempenho “Margem em Relação à Indústria”. Os resultados mostraram que, as competências “Avaliação de Tecnologias de produtos e novas Estruturas Organizacionais” e “Cooperar para Inovações”, apresentaram uma relação direta positiva com a rentabilidade das empresas pesquisadas, nos grupamentos 1 e 2, respectivamente. Os resultados da presente pesquisa indicaram certa fragilidade da indústria farmacêutica nacional na questão da cooperação para inovação.

### **7.3. Conclusões**

O objetivo da pesquisa de responder à questão: *Até que ponto a presença e o desenvolvimento de competências para inovar em uma amostra de empresas nacionais da indústria farmacêutica brasileira está relacionada com seu desempenho competitivo?* foi atendido. Os resultados esperados de identificar a existência e o grau de desenvolvimento das competências para inovar e a correlação com o desempenho competitivo foram alcançados.

Como esperado, o grupo de empresas com maior nível de desenvolvimento das competências para inovar da indústria farmacêutica, apresentou graus mais elevados em relação às variáveis de desempenho. Assim, esta etapa atendeu ao segundo objetivo da presente pesquisa de identificar até que ponto a presença destas competências em uma amostra de empresas nacionais da indústria farmacêutica brasileira está relacionada com seu desempenho competitivo.

No entanto, os resultados da presente pesquisa indicaram que a capacidade inovada da indústria farmacêutica brasileira apresenta níveis baixos e médios do desenvolvimento de competências para inovar e que os fatores distintivos entre os grupos analisados estão voltados para competências que transcendem a esfera técnica, como competências organizacionais e relacionais, tais como o estabelecimento de um ambiente favorável a inovação, a gestão do conhecimento e políticas de Recursos Humanos adequadas para os profissionais de inovação.

Os resultados indicaram, ainda, que existe uma relação positiva das competências para inovar, voltadas para a avaliação de tecnologias de produtos e novas estruturas organizacionais passíveis de serem adotadas na organização, bem como a cooperação para Inovações, com a rentabilidade das empresas farmacêuticas brasileiras pesquisadas.

As oportunidades para inovação farmacêutica no Brasil são boas, tendo o setor passado ao largo aos efeitos da crise mundial instalada em 2008, os investimentos continuam sendo anunciados, tanto na esfera pública quanto na privada e as perspectivas são de crescimento deste mercado. O Brasil conta com núcleos com suficiência competência para serem mobilizados em programas e políticas bem articulados para o desenvolvimento do setor; possui uma capacitação científica de boa qualidade, as empresas produtoras de fármacos possuem elevada competitividade em alguns nichos de mercado e existe uma articulação positiva entre os diversos agentes públicos e privados envolvidos.

#### **7.4. Limitações da pesquisa**

A primeira limitação a ser destacada na presente pesquisa, refere-se ao tamanho reduzido da amostra, uma vez que dos 43 grupos ou empresas brasileiras do setor farmacêutico apenas 25 empresas responderam ao questionário aplicado (Anexo 2), representando uma taxa de resposta de 58,14%.

Outra questão diz respeito à subjetividade em relação ao entendimento do conceito de inovação, que pode divergir de empresa para empresa, podendo envolver desde uma pequena alteração no sabor ou na apresentação do produto, o desenvolvimento de um medicamento genérico ou similar, a combinação fixa de princípios ativos ou até mesmo o desenvolvimento de uma inovação radical, como um novo princípio ativo ou uma rota de síntese em nova plataforma tecnológica, como ocorre no caso dos biofármacos.

Vale destacar, ainda, a tendência de valorização das respostas pelos respondentes, muitas vezes mais otimistas do que a realidade. Nesse sentido, coloca-se a preocupação apresentada por Massucci, do risco do viés do respondente, devido à dificuldade deste em julgar suas próprias ações e de fazer uma análise comparativa em relação a uma organização efetivamente inovadora, o que poderia contaminar a análise do pesquisador.

Uma das limitações ao presente estudo refere-se ao levantamento dos dados econômico-financeiros das empresas brasileiras pesquisadas devido ao fato de serem, em sua maioria, de capital fechado e da resistência dos executivos em prestarem este tipo de informação. Assim a análise qualitativa dos grupos gerados poderia ser enriquecida de forma a permitir maior aprofundamento da análise quantitativa de dados.

Vale ressaltar que, em que pese às limitações expostas, os resultados da presente pesquisa indicaram níveis baixos e médios do grau de desenvolvimento das competências para inovar na amostra estudada. Assim, parece razoável supor que, se fossem mensurados os níveis de desenvolvimento das competências para inovar de todas as empresas da população, dificilmente encontrar-se-iam níveis superiores aos apurados, tendo em vista que as empresas pesquisadas possuíam, em Julho de 2009, 90% da participação do mercado farmacêutico nacional, atribuída às empresas de origem de capital nacional.

## **7.5. Recomendações**

Recomenda-se a replicação deste estudo, ao longo do tempo, na indústria farmacêutica com o objetivo de se investigar a evolução do desenvolvimento das competências para inovar das empresas brasileiras e, ainda, buscar confirmar a relação destas com o desempenho competitivo das empresas.

Os resultados encontrados, por um lado indicaram relação direta com a Competência “Cooperar para as Inovações” com a rentabilidade das empresas, porém por outro revelou uma certa fragilidade e deficiência dos grupos nesta questão. Portanto, seria interessante que o mesmo estudo fosse realizado nos outros elos da cadeia produtiva farmacêutica brasileira, de forma a avaliar o grau de desenvolvimento destas competências com as empresas que se relacionam com os produtores de medicamentos, como, por exemplo, produtores de farmoquímicos e ou instituições científicas.

Recomenda-se ainda, um estudo sobre os obstáculos e dificuldades enfrentadas pela indústria brasileira para o desenvolvimento das competências para inovar e para a realização de inovações.

Por fim, a metodologia utilizada pode ser adotada ou adaptada para a análise da correlação do grau do desenvolvimento das competências para inovar e desempenho em outros setores da economia brasileira.